

THE FIRST CONTACT OF THE PORTUGUESE WITH INDIA: A COMPARATIVE STUDY ON *THE LUSIADS* AND 16TH CENTURY PORTUGUESE CHRONICLES

C. J. Davees ^I

This article aims to compare Luis de Camões' epic with the historical material that provided the basis for Cantos VII and VIII of the poem, sections that portray the most decisive events of the Portuguese Overseas Expansion. The purpose of this article is to study the historical sources that cover the first Portuguese interactions with India.

Luís de Camões; History; Chronicles; India; Portugal.

LESSONS LEARNED

duas léguas abaixo de Calicute, légua e meia da costa, defronte de um lugar, chamado Capocate [atual Kapad, muito próxima a Calicute], com o que o piloto se enganou, imaginando que fosse Calicute (*História*, p. 35).

Álvaro Velho refere-se ao mesmo incidente, mas chama o lugar de “Capua” (*Roteiro*, p. 72).

Na estrofe 16 do Canto VII, Camões canta o bom gesto dos pescadores do Malabar:

Tanto que à nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho *lhe* mostraram
De *Calecu*, onde eram moradores.
Pera lá logo as proas se inclinaram,
Porque esta era a cidade, das *milhores*
Do Malabar, *milhor*, onde vivia
O Rei que a terra toda possuía. (*Lusíadas*, VII, est. 16)

De acordo com Fernão Lopes de Castanheda, foram estes pescadores que guiaram os portugueses do Capocate para Calicute: “[...] eram pescadores [...] deles se soube que o lugar não era Calicute que era mais adiante e ofereceram-lhes a levar lá a frota [...] e as almadias no levarão a Calicute, que é uma cidade situada na costa do Malabar, uma província da segunda Índia” (*História*, p. 36).

No poema, antes de “chegada a frota ao rico senhorio” de Calicute (*Lusíadas*, VII, est. 23), Camões apresenta, entre as estrofes 17 e 22, uma gravura escrita sobre a posição geográfica de Calicute. Para Fernão Lopes de Castanheda, é óbvio que esta parte da descrição geográfica foi oferecida à frota pelos próprios pescadores (*História*, p. 36), sendo bem provável que o piloto fora quem traduziu suas palavras.

Essa primeira troca de palavras entre o mensageiro português e um estrangeiro na costa do Malabar é registrada por Álvaro Velho da seguinte maneira:

E a primeira salva [saudação], que lhe deram, foi esta que se a diante segue:

– Al diabo que te dou! Quem te traço acá?

E perguntaram-lhe porque vínhamos buscar tão longe; e ele [lhes] respondeu:

– Vimos buscar cristãos e especiaria.

E eles lhe disseram:

– Porque não manda[m] cá el-rei de Castela e el-rei de França e a senhora de Veneza?

E ele lhe[s] respondeu que el-rei de Portugal não queria consentir que eles cá mandassem.

E eles disseram que fazia bem. (*Roteiro*, p. 75-76)

Fernão Lopes de Castanheda cita tal diálogo como: “Al diablo que te dou quem te trago acá: e depois lhe perguntou de que maneira viera ali ter.... [etc]” (*História*, p. 41-42).

Embora o “Maomete” tivesse desempenhado um papel preponderante na primeira interação portuguesa com os malabares, mediando a comunicação entre eles, o *Roteiro* não identifica o nome dele.

Há várias teorias acerca da identidade deste informante dos portugueses. Por exemplo, Luis Adão da Fonseca escreve:

Analisando o problema da identificação do informador, Franz Hümmerich é de opinião que este não pode ser indiano, pelo que apenas são de considerar duas hipóteses: o mouro Monçaide, o judeu de Tunes, citado no *Roteiro*, ou o judeu Gaspar da Gama (FONSECA, 1997, p. 179).

O Samorim acolhe os portugueses, mas os avisa para que desembarquem no Pandarane (atual Panthalayini) por causa da segurança dos navios. O soberano de Calicute manda-lhes um piloto para os levar e guiar até Pandarane.

Isto é reportado por Álvaro Velho (*Roteiro*, p. 77), porém com mais pormenores por Fernão Lopes de Castanheda (*História*, p. 43). Encontramos aqui a benevolência do Samorim, e o bom acolhimento que ofereceu aos portugueses é claramente revelado na recepção que o rei arranhou no porto do Pandarane.

Nas palavras de Castanheda:

Estando neste porto deram-lhe um recado do Catual [administrador, governador ou 'primeiro ministro'] de Calicute, que é como carregador da corte, que ele era vindo a Pandarane com outros homens nobres por mandado do rei para o acompanharem até Calicute que podia desembarcar quando quisesse (*História*, p. 43).

O rei, conforme conta Álvaro Velho, [...] mandou um homem que se chama bal [Catural], (o qual é como alcaide - que de contínuo traz consigo duzentos homens [ou 'duzentos Naires' (conforme Castanheda, p. 45)], armados de espadas e adargas) àquela vila de Pandarane, para haver de ir com o Capitão-mor onde o rei ficara, e outros homens honrados (*Roteiro*, p. 78; *Década*, p. 148; *Tratado*, p. 51).

Camões refere-se a esta grande recepção no Canto VII, est. 44, em que o Catual conduz os portugueses (Vasco da Gama "levou consigo, dos seus, treze homens", *Roteiro*, p. 78) ao rei, sendo Monçaide o intérprete entre Gama e o Catual. Vasco da Gama foi carregado "num portátil leito uma rica cama" (*Lusíadas*, VII, est. 44; que é "umas andas" ou palanquim, no *Roteiro*, p. 78; e "andores", na *História*, p. 45).

Em seguida, o Catual conduz os portugueses a "um sumptuoso templo" (*Lusíadas*, VII, est. 46). A descrição do templo, nos versos das estrofes 47 e 48 do Canto VII, é mais ou menos semelhante à de Fernão

O Capitão-Mor decide enviar Gonçalo Pires com a missão de ordenar a Nicole Coelho que regressasse imediatamente ao navio (*Roteiro*, p. 92-94; *História*, p. 57; *Década*, p. 157):

Tal o vago juízo flutuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperava
Na praia com os batéis, como ordenara.
Logo secretamente lhe mandava,
“Que se tornasse à frota, que deixara;
Não fosse salteado dos enganos,
Que esperava dos feros Maometanos.”
(*Lusíadas*, VIII, est. 88)

O Catual, por sua vez, temendo o Samorim, não permite que os mouros matem o capitão-mor (*História*, p. 57). Vasco da Gama novamente pede ao Catual por almadias, para retornar ao navio. O Catual, porém, continua a recusá-las e exige que Vasco da Gama ordene que os seus navios se aproximem do porto.

Vasco da Gama, porém, não o concede:

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem que as naus deseja perto
O Catual, por que com ferro e flama
Lhas assalte, por ódio descoberto.
Em vários pensamentos se derrama;
Fantasiando está remédio certo,
Que desse a quanto mal se lhe ordenava.
Tudo temia, tudo enfim cuidava. (*Lusíadas*, VIII, est. 86)

Em seguida, o Catual solicita alguma mercadoria portuguesa, e Vasco da Gama manda trazer somente uma parte dessa mercadoria ao Pandarane:

Comete-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo ou pena,
Se sabe esta malícia, a qual asinha
Saberá, se mais tempo ali o detinha.

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
Vendível, que trazia, para a terra,
Para que de vagar se troque e venda;
Que quem não quer comércio, busca guerra.
Posto que os maus propósitos entenda
O Gama, que o danado peito encerra,
Consente, porque sabe por verdade,
Que compra com a fazenda a liberdade. (*Lusíadas*, VIII, est. 91-92)

Então, o capitão-mor tem a permissão de regressar a seu navio, mas, deixando o seu feitor, Diogo Diaz, e o escrivão Álvaro de Braga com a mercadoria trazida a Pandarane (*História*, p. 57). Nas linhas de Diogo do Couto, Vasco da Gama

escreveu logo a seu irmão Paulo da Gama tudo o que passava e o que temia, pedindo-lhe que mandasse logo desembarcar algumas fazendas e com elas Diogo Dias Álvaro da Braga, feitor e escrivão, e Fernão Nunes língua [intérprete] e quatro homens de serviço da feitoria (*Tratado*, p. 61; *História*, p. 156-157).

Por sua vez, Camões escreve:

Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sábio Capitão, com brevidade
Faz represaria nuns que às naus vieram
A vender a pedraria que trouxeram. (*Lusíadas*, IX, est. 9)

O capitão-mor sabia que o rei esperava por “viessem os navios de Meca [Mocha] que o tomariam” (*História*, p. 62; *Década*, p. 151; *Tratado*, p. 58). É claro que os mouros, que tinham um comércio livre e sem rivalidade até a chegada dos portugueses, tinham confiança na frota de Meca que estava a chegar.

Enquanto isso, a pressão aumentou sobre o Samorim, quando “as mulheres [dos malabares presos] lhe vão chorar a prisão de seus maridos” (*História*, p. 62; *Década*, p. 157; *Tratado*, p. 63).

Camões escreve:

As mulheres e filhos, que se matam,
Daqueles que vão presos, onde estava
O Samorim, se queixam que perdidos
Uns têm os pais, as outras os maridos. (*Lusíadas*, IX, est. 11)

Por fim, a 27 de agosto, os homens do Samorim levam Diogo Diaz e Álvaro de Braga ao navio luso (*História*, p. 63; *Roteiro*, p. 106; *Década*, p. 158; *Tratado*, p. 63; *Lusíadas*, IX, est. 12), mas a mercadoria não foi devolvida. O capitão-mor liberta apenas alguns dos presos malabares. Avisou que libertaria os restantes só quando a mercadoria fosse devolvida.

O Samorim havia entregue a Diogo Diaz uma carta em folha de palma para o rei de Portugal, garantindo a troca comercial e aceitando Diogo Diaz como o feitor português em Calicute. Aqui, provavelmente tal gesto consistisse numa espécie de primeiro tratado de amizade comercial feito com um governo oriental, embora fosse preparado sob pressão

Calicute, fariam fazer as amizades" (*Roteiro*, p. 107). Por essa razão, o ato dos portugueses pode ser considerado como um ato diplomaticamente imperfeito, especialmente porque Portugal ainda tinha intenção de continuar um relacionamento comercial com a Índia.

Os cronistas também admitem, ao menos de modo indireto, que, para além do sucesso do descobrimento do caminho marítimo para Calicute/Índia, esse primeiro contato português com o governo de Calicute não foi lá uma história de grande êxito, mas um erro diplomático crasso. Por causa disto, todas as interações seguintes tornar-se-iam cada vez mais complicadas.

Enquanto João de Barros expressa que "[p]artido Vasco da Gama não muito contente da espedida" (*Década*, p. 159), a observação de Fernão Lopes de Castanheda é igualmente muito significativa:

Ainda que Vasco da Gama estava contente de ter descoberto Calicute, não o podia ser de todo por não ficar em amizade com o rei para tornar seguramente a frota que o rei seu senhor mandasse" (*História*, 64; cf. *Roteiro*, 107).

Camões reflete o mesmo pensamento:

Parte-se costa abaixo, porque entende
Que em vão com o Rei gentio trabalhava
Em querer dele paz, a qual pretende
Por firmar o comércio que tratava. (*Lusíadas*, IX, est. 13)

Os portugueses, porém, merecem ser desculpados devido ao seu desconhecimento das intrincadas complicações presentes na cultura, política e no comércio da costa do Malabar, pois aquela era a primeira viagem do descobrimento. Foram desacertos cometidos na viagem: a pequenez dos presentes oferecidos ao Samorim, a falta de dinheiro para comprar especiarias ou pagar a taxa comercial ao fim da estada em

REFERÊNCIAS

- BARROS, João de. *Ásia de João de Barros dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente: primeira Década*. Ed. António Baião. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1932.
- BETHENCOURT, Francisco, "O contacto entre povos e civilizações". *História da expansão portuguesa. Vol. I: A formação do império 1415-1570*. Direcção por Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri. Navarra: Círculo de Leitores e Autores, 1998.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. "O itinerário da superação: uma leitura instaurativa de *Os Lusíadas*". *Brotéria: cultura e informação*. Vol. III, No. 5, novembro, 1980, p. 367-377.
- CAMÕES, Luis Vaz de. *Os Lusíadas*. Ed. Emanuel Paulo Ramos (Porto: Editora Ltda, 1980 [1572]).
- CASTANHEDA, Fernão Lopes de. *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses*. Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão-Editores, 1979.
- COUTO, Diogo do. *Tratado dos feitos de Vasco da Gama e seus filhos na Índia*. Organização de José Manuel Azevedo e Silva e João Marinho dos Santos. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.
- DOEHNHARDT, Rainer. *Acerca da viagem de Vasco da Gama*. Lisboa: Publicações Quipu, 1998.
- FONSECA, Luis Adão da. *Vasco da Gama: o homem, a viagem, a época*. Lisboa: Comissão de Coordenação da Região do Alentejo, 1997.
- JIRMOUNSKY, Myron Malkiel. "A arte de Camões n'Os Lusíadas". *Panorama: Revista portuguesa de arte e turismo*. no. 44, IV Série, dez. 1972, p. 3-8.
- LIVERMORE, Harold V. "Camões e os seus '*Lusíadas*'". *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*. no. 44, IV Série, dez. 1972, p. 81-84.
- PRETI, Dino F. "Camões e a realidade histórica. presença das crônicas e roteiros de viagem em *Os Lusíadas* – Estudo do Canto II". *ALFA*. no. 20/21, 1974-1975, p. 147-200.

